

**DISCUTINDO GÊNERO, POLIGAMIA E MATERNIDADE COMPULSÓRIA
ATRAVÉS DA OBRA LITERÁRIA *FIQUE COMIGO* EM UM CLUBE DE LEITURA:
IMPRESSÕES INTERCULTURAIS**

**DISCUSSING GENDER, POLYGAMY AND COMPULSORY MATERNITY
THROUGH LITERARY WORK STAY WITH ME IN A READING CLUB:
INTERCULTURAL IMPRESSIONS**

Bruna Agliardi Verastegui¹

Resumo: Este relato de experiência busca dissertar sobre a discussão de gênero, poligamia e maternidade compulsória que ocorreu em um clube de leitura independente no município de Gravataí/RS, após a leitura da obra literária *Fique Comigo*, da escritora nigeriana Ayòbámi Adébéyò. Para tanto, pretende-se conceituar gênero, poligamia e maternidade compulsória, bem como analisar brevemente o romance da autora com base nesses três enfoques. Posteriormente, pretende-se analisar as impressões obtidas pelo grupo sobre o livro, principalmente no que tange à interculturalidade, e também abordar como as leituras e debates realizados em ambientes informais também resultam em aprendizagens e apreensão de conhecimento.

Palavras-chave: Literatura nigeriana; Literatura; Clube de Leitura; Fique Comigo; Ayòbámi Adébéyò.

Abstract: This experience report seeks to discuss the discussion of gender, polygamy and compulsory motherhood that took place in an independent reading club in Gravataí/RS, after reading the literary work *Stay Comigo*, by Nigerian writer Ayòbámi Adébéyò. Therefore, it is intended to conceptualize gender, polygamy and compulsory motherhood, as well as to briefly analyze the author's novel based on these three approaches. Subsequently, it is intended to analyze the impressions obtained by the group about the book, mainly with regard to interculturality, and also to address how readings and debates carried out in informal environments also result in learning and knowledge acquisition.

Keywords: Nigerian Literature; Literature; Reading Club; Stay with me; Ayòbámi Adébéyò.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como finalidade abordar as considerações que foram produzidas a partir da leitura do livro *Fique Comigo*, da escritora nigeriana Ayòbámi Adébéyò, em um clube de leitura que ocorre mensalmente, desde dezembro de 2019, na cidade de Gravataí, no estado do Rio Grande do Sul. O clube de leitura surgiu devido ao interesse de seus integrantes de discutirem sobre a literatura contemporânea produzida por mulheres com pessoas da cidade em que residem. Os integrantes do grupo tiveram quatro semanas para efetuar a leitura do livro referido, e o encontro ocorreu em 11 de abril de 2020, de forma virtual, via Google Meet, por conta do isolamento social.

¹ Mestranda em Educação e Estudos Culturais na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), campus Canoas/RS. Pesquisa sobre a literatura contemporânea de autoria feminina e também sobre o ensino de literatura em espaços formais e informais de educação. E-mail: bruna_verastegui@outlook.com

Os integrantes do grupo sugerem leituras mensais que possam vir a colaborar para compreender a desigualdade de gênero, o encontro entre culturas, as características das literaturas produzidas por mulheres, entre outros fatores. Após votação, a leitura é escolhida e o dia para o debate é marcado.

De acordo com Costa (2018, p. 255), qualquer interação humana que “faculta a troca de conhecimentos é possibilitado pela matéria imanente chamada texto. É do confronto do leitor com o texto que surgem significados e assim se faz uma leitura crítica, reflexiva e compreensiva que extrapola a mera decifração do signo linguístico”. Isto é, a leitura é capaz de proporcionar preceitos, ensinamentos e reflexões além do que está escrito de forma literal, sendo uma importante fonte de conhecimento e aprendizado.

Partindo da ideia de que os textos, principalmente os literários, possuem uma gama de significados, que são atribuídos não só pelo autor, mas também pela interação do texto com o leitor, é que defende-se a importância da leitura e também dos grupos de leitura, visto que o compartilhamento e a troca de ideias podem resultar em aprendizagens relevantes e transformações individuais e coletivas.

Nos próximos tópicos, analisa-se a literatura nigeriana, bem como a obra literária *Fique Comigo*; posteriormente, demonstra-se os resultados obtidos a partir da leitura e do debate do livro referido. Por fim, preconiza-se as conclusões provisórias acerca do grupo de leitura no geral e também em específico sobre o encontro virtual de 11 de abril.

LITERATURA NIGERIANA

Segundo Feldner (2019, p. 1), as duas primeiras décadas do século XXI foram marcadas pelo surgimento de muitas produções literárias nigerianas. Vale destacar aqui, a romancista em ascensão Chimamanda Ngozi Adichie, cuja obra intitulada *Americanah*, publicada em 2013, foi alvo de muitas discussões e estudos no círculo literário anglo-americano. No Brasil, os livros da escritora também obtiveram bastante relevância literária, cultural e política; em pouco tempo, seus livros, lançados pela editora Companhia das Letras, viraram best-sellers.

Demais nomes da literatura nigeriana também merecem atenção, tais como Teju Cole, autor do romance *Cidade Aberta*, publicado em 2011 nos Estados Unidos e em 2012 no Brasil; Taiye Selasi, autora da obra *Ghana Must Go*, publicada em 2013 no Reino Unido; Ayòbámi Adébáyò, autora do livro *Fique Comigo*, publicado no Reino Unido em 2017 e em 2018 no Brasil; e muitas outras produções recentes.

Feldner (2019, p. 1), defende que esse ressurgimento da literatura nigeriana na última década só foi possível por conta das obras lançadas na primeira década dos anos 2000, por autores como Helon Habila, Chris Abani, Sefi Atta e Chimamanda. Tirando esta última, nenhum dos autores citados teve suas obras traduzidas para o Brasil até então. Ainda, é importante explicar que o pesquisador fala em ressurgimento da literatura nigeriana porque, nos anos 90, a produção escrita era muito escassa, havendo predomínio da literatura oral (FELDNER, 2019, p. 5).

Além de trazer à tona as tensões das migrações e da diáspora africana, isto é, o deslocamento em massa dos africanos para outros países, pertencentes ao “Primeiro Mundo”, a literatura nigeriana contemporânea tem como característica a preocupação em mostrar representações do país de origem. As narrativas, de modo geral, “dividem seu tempo e atenção entre os Estados Unidos, o Reino Unido e a Nigéria” (FELDNER, 2019, p. 2, tradução nossa). Ou seja, os autores tentam mesclar, na literatura que produzem, ficção com experiências migratórias, ou representar, através da escrita, seus países – tanto o de origem, quanto o de residência.

Os pesquisadores Soares, Cardoso e Costa (2018, p. 83), defendem que a literatura nigeriana é também fortemente marcada pela presença de “fortes traços dos conflitos ocorridos no país, bem como seus efeitos na sociedade. Os escritores, cada um com seu estilo, retratam ficticiamente uma realidade em mudança”. Assim, a escrita de muitos autores produz representações em cima de acontecimentos históricos e suas respectivas repercussões.

Segundo Falola (2019, p. 10), é impossível que a literatura exista isoladamente, alienada de seu contexto; por isso, ela sempre é um reflexo da sociedade em que está sendo produzida, defendendo uma determinada opinião, retratando um acontecimento histórico por meio da ficção, tecendo uma crítica a algo, etc. A literatura, assim como as demais artes, é um importante instrumento para discutir e repensar questões que permeiam nossa vida.

São temas bastantes difundidos na literatura nigeriana: a corrupção das lideranças pós-independência, as intervenções militares e golpes de Estado, os conflitos políticos, as guerras, a globalização, a desigualdade de gênero no continente, o patriarcalismo, a poligamia e, também, a desigualdade econômica. Ademais, Feldner (2019, p.20), afirma que os romancistas nigerianos veem a si próprios como atores políticos, assumindo o compromisso de transformar a sociedade por meio da literatura, uma literatura engajada.

METODOLOGIA

No que tange a metodologia, este relato de experiência conta com pesquisa bibliográfica em livros e artigos em periódicos a fim de conceituar a literatura nigeriana, gênero, poligamia e maternidade compulsória. Ademais, também é abordado a importância da leitura e dos grupos de leitura para a apreensão pessoal e coletiva de conhecimento e reflexões.

FIQUE COMIGO: DESIGUALDADE DE GÊNERO, POLIGAMIA E MATERNIDADE COMPULSÓRIA

A poligamia masculina – prática em que um homem tem mais de uma esposa simultaneamente – é muito comum em países da África do Sul, sendo respaldada pela lei em alguns lugares, e culturalmente aceita em outros. Na Nigéria, país africano em que se passa o enredo da obra literária *Fique Comigo*, o sistema poligâmico masculino é legalmente aceito. Apesar de ter ocorrido muitas mudanças, a tradição ainda é muito forte e está enraizada na sociedade nigeriana, bem como a desigualdade de gênero.

Essas questões são retratadas de forma concreta e crítica no livro de Ayòbámi Adébáyò. A escritora nos apresenta a Yejide e Akin, casal jovem que, no meio de uma sociedade majoritariamente poligâmica, decide construir um relacionamento monogâmico; porém, essa decisão não se mantém por muito tempo, já que, quando a família percebe que Yejide não engravida tão cedo como o esperado de qualquer mulher dentro dessa sociedade, pressiona Akin, o marido, a casar-se novamente, ou seja, a aceitar uma segunda esposa.

Diante da atualidade dos acontecimentos narrados dentro dessa obra contemporânea, vê-se como importante refletir sobre o papel da mulher em uma sociedade majoritariamente polígama, e o quanto suas escolhas são ouvidas ou não, respeitadas ou não, dentro da cultura que a cerca.

Segundo Teixeira (2018, p. 62), em um sistema patriarcal, ou seja, em um sistema em que os homens sejam centralidade, a poligamia é uma prática recorrente, visto que,

[...] Há na ideia de poligamia toda uma construção de poder e riqueza que rege o sistema patrilinear, sobrepujando a ideia de família para a noção de controle dos poderes essenciais para a sociedade. Já vemos nesta organização uma tendência a priorizar os poderes do capital que promovem a hegemonia do mais forte sobre o mais fraco. O produto que fortalece o homem é a mulher, provedora de filhos que o torna

bem viril e, conseqüentemente, mais respeitado pela sociedade além de aumentar a força de trabalho através dos filhos (TEIXEIRA, 2018, p. 62).

Com essas colocações, pode-se afirmar que a poligamia masculina é, de certa forma, um meio que os homens têm, consciente ou inconscientemente, de permanecerem no controle das situações e também no controle de suas esposas, visto que ainda em muitos países africanos eles ainda decidem se suas esposas podem ou não trabalhar; como devem se vestir, se portar, entre outras questões, perpetuando a desigualdade de gênero. Além disso ser prejudicial às mulheres, por não serem responsáveis por suas próprias decisões, por suas próprias vidas, também é prejudicial para os homens que devem, aos olhares da sociedade, ser másculos e chefes de família, enquanto a mulher deve imbuir-se apenas de cuidar dos filhos.

Na obra *Fique Comigo*, Ayòbámi Adébáyò traz aos leitores uma estória que se passa no sudoeste da Nigéria, entre o início dos anos 1980 e o final dos anos 2000, de forma não-linear. Os protagonistas do livro, Yejide e Akin, decidem viver na monogamia mesmo estando inseridos em uma sociedade predominantemente poligâmica, já que seus familiares praticavam e apoiavam essa prática. Isso é explicitado logo no início da narrativa, por Yejide: “[...] Yva Martha era uma de minhas quatro mães; era a esposa mais velha de meu pai” (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 14). Isto é, pode-se ver, com esse pequeno trecho, o quanto a questão da poligamia parecia normal e inserida no cotidiano dessa família.

Além disso, também se percebe a relação de desigualdade em que a sociedade, aqui representada pela família do marido, trata Yejide, no excerto:

Vários parentes do meu marido já tinham ido até a nossa casa para discutir a mesma questão. A discussão consistia em eles falarem enquanto eu ouvia, *de joelhos*. [...] As longas discussões de fato me davam câibras nas pernas, mas pelo menos faziam com que eu me sentisse parte de sua família (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 15, grifo nosso).

É notória, então, a desigualdade de gênero. De acordo com Firmino e Porchar (2017, p. 55), a conceituação de gênero tem por objetivo “afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais”.

Dessa maneira, percebe-se que o gênero é uma construção, fabricada em um tempo histórico determinado, em uma cultura específica. Corroborando com isso, Butler (2003, p. 26) preconiza que:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 26).

Mesmo a construção da diferença entre gêneros ser fabricada, isto é, ser construída em cima de uma cultura em sociedade, ela pode ser tão determinante quanto, pois definem o que mulheres e homens podem ou não fazer a partir de seus papéis sociais e gêneros.

Após quatro anos de casamento, o casal ainda não havia tido filhos, o que fez com que as famílias de ambos culpassem a mulher, Yejide, por essa “falta”, e buscassem, como uma solução para o problema, uma segunda esposa para Akin.

Eu esperava que eles falassem sobre o fato de eu ainda não ter filhos. Estava armada com milhões de sorrisos. Sorrisos de desculpa, sorrisos para despertar compaixão, sorrisos de seja-feita-a-vontade-de-Deus – pense em todos os sorrisos falsos necessários para sobreviver a uma tarde com um grupo de pessoas que afirmam querer o seu bem ao mesmo tempo que enfiam o dedo em *sua ferida aberta*: eu os tinha todos preparados. [...] O que eu não esperava era outra mulher sorridente na sala, uma mulher amarela com a boca vermelho-sangue que sorria como uma nova esposa (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 17, grifo nosso).

Essa citação mostra o quanto Yejide gostaria de ter um filho, talvez não tanto por ter uma vontade genuína de tornar-se mãe, mas sim para atender às expectativas de sua própria família e também da família do marido. Essa questão é referida por ela como “ferida aberta”, ou seja, também se sentia culpada por não ter conseguido dar à família e a seu marido um filho, como tanto pressionavam e desejavam.

Vale ressaltar que, segundo Botelho (2017), a maternidade é

[...] pautada inúmeras vezes, nas mais diversas idades e classes sociais. A construção social feminina inclui, entre diversos predicados, a probabilidade da gravidez e da maternidade. Desde brincar com bonecas até ouvir indagações como “quando vai chegar meu netinho?”, mulheres crescem convivendo com a ideia de maternar, às vezes sem sequer refletir se é isso mesmo que querem. Muitas mulheres têm filhos porque é a “ordem natural das coisas”, como é costumeiro ouvir, mas nem mesmo cogitaram a possibilidade de uma vida sem eles. Com movimentos sociais de

mulheres, esse cenário recentemente ganhou o nome de “maternidade compulsória”: compulsória pois, nesta visão, ser mãe seria como algo obrigatório, forçado pela sociedade, e não necessariamente a vontade genuína da mulher.

A solução proposta pela família, de arranjar uma segunda esposa para o homem para que ele, enfim, tivesse um filho, mostra o quanto essa parcela da sociedade vê a mulher como algo simplesmente substituível, já que em nenhum momento considera-se o sentimento do casal, e sim a preocupação de manter a reputação de Akin, o homem, como um ser viril, que só seria totalmente respeitado se tivesse um filho, a qualquer custo.

Novamente, a desigualdade de gênero se faz presente: em primeiro por designarem Yejide como a única culpada pela dificuldade do casal em conceber uma criança; em segundo ao constatar que em nenhum momento a esposa de Akin foi consultada sobre essa decisão familiar de buscar uma segunda esposa: se ela, como primeira esposa, não consegue dar ao seu marido e família o que é considerado como essencial nessa sociedade tradicional, isto é, um filho, ela não é uma mulher completa, é descartável e culpada pelo seu fracasso. Essa percepção é ratificada pela sogra de Yejide, em seu discurso: “[...] As mulheres fabricam crianças, e se você não consegue fazer isso então não passa de um homem. Ninguém deveria chamá-la de mulher” (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 47).

Devido ao medo de ser substituída por seu marido e família, Yejide começa a buscar soluções divinas para sua dificuldade de engravidar, mesmo sendo cética quanto a isso, já que os médicos afirmavam nada ter de errado com ela. Ao subir a Montanha dos Milagres Espantosos, o guia religioso afirmou que ela teria um filho naquele mesmo mês. A mulher acreditou veemente na afirmação, como consta no excerto: “Eu deveria ter ficado menstruada uma semana depois da minha visita à montanha. Não fiquei. [...] Eu tinha certeza de que estava grávida e acreditava que meu corpo estava me dando sinais que um exame logo confirmaria (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 55).

Ao contar para Akin, seu marido, este não acredita nela, já que não tinham relações há vários meses. Ao decorrer do enredo, percebe-se que a gravidez de Yejide era psicológica, resultado do medo de ser substituída e da pressão da família para que ela concebesse um filho. Yejide, por fim, aceita a verdade, e começa a lidar com a frustração.

Em certo momento da narrativa, o irmão de Akin visita-os, e Yejide envolve-se sexualmente com ele. Essa relação resulta, finalmente, em uma gravidez. Ao que tudo indicava,

ninguém desconfiava da traição – nem mesmo o marido de Yejide, que fica feliz com a paternidade repentina.

Dentro da minha barriga, um bebê estava crescendo – dessa vez até mesmo as máquinas de ultrassom confirmaram. [...] Eu tinha me tornado imortal, parte do ciclo infinito da vida. Um novo ser chutava dentro de mim e logo eu teria alguém a quem poderia chamar de meu (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 102).

Apesar da felicidade aparente da mulher e também de sua família, a alegria não dura muitos meses após o nascimento do bebê, pois por uma fatalidade, a criança falece. Nessa parte da narrativa, fica claro que os parentes de Yejide e também de seu marido não ficam comovidos pela morte da filha, apenas lamentam a perda de um filho e o status que este garantia a Akin, como homem, como pai; e a Yejide, como mulher completa – que agora já não era mais.

Todos sabiam o que dizer. Não se preocupe, logo terá outro filho. [...] Era como se ninguém fosse sentir falta dela. Ninguém lamentava que Olamide estivesse morta. Lamentavam por eu ter perdido um filho, mas não por ela estar morta. Era como se, por ter passado tão pouco tempo no mundo, sua morte não tivesse importância – ela não tivesse importância. Parecia que tínhamos perdido um cachorro ao qual éramos muito afeiçoados (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 127).

A partir do excerto acima, pode-se perceber que há a pressão para que a mulher se torne mãe puramente para aparências, para ter uma posição elevada perante a sociedade que considera a maternidade o auge da vida de uma mulher. Contudo, essa vontade é superficial, pois a criança em si, como um ser humano, não é importante; o importante é o que esse novo ser pode trazer.

Segundo Alegretti (2019, p. 2), a maternidade compulsória constitui-se a partir de um discurso que idealiza as mulheres,

[...] impondo a maternidade como natural a todas, como se isso lhes fosse instintivo, fazendo com que haja uma espécie de regra, em que a opção “não ser mãe” torna-se inexistente e, conseqüentemente, sendo uma obrigação a todas as mulheres. Isso faz com que aquelas que optam por não terem filhos sejam vistas como transgressoras da regra, a elas sendo imposta culpa e desvalidação das próprias escolhas (ALLEGRETTI, 2019, p. 2).

No fim da narrativa, Yejide descobre que seu marido sempre soube de seu envolvimento sexual com o irmão Dotun, e que a ideia para que Dotun se relacionasse com Yejide foi dele, para que o casal pudesse ter filhos, mesmo que não seus biologicamente, já que Akin era, na verdade, impotente. Apesar de sempre saber disso, nunca contou para sua família, muito menos

para sua mulher, por medo e por vergonha, como se pode ver nesse trecho, narrado por Akin: “Isso foi o que bastou para termos Olamide – um fim de semana. O plano era ter quatro filhos: dois meninos, duas meninas. Uma vez a cada dois anos, Dotun passaria um fim de semana conosco, engravidaria a minha mulher e voltaria para Lagos” (ADÉBÁYÒ, 2018, p. 188).

Nota-se aqui o quanto a pressão social e a desigualdade de gênero pode ser nociva para os homens, também: foi mais fácil para Akin manipular sua esposa, deixá-la se sentir culpada pela infertilidade, mentir para todos sobre sua condição, do que contar que não podia ter filhos.

Quanto à Yejide, fica o questionamento: será que se ela soubesse da condição do marido, ou se tirasse um momento para pensar nas suas próprias vontades, nos seus desejos, e não nas expectativas das pessoas ao seu redor, ainda quererá ter filhos? Terá sido a maternidade de Yedije uma escolha pessoal, ou uma obrigação?

LIÇÕES OBTIDAS A PARTIR DO CLUBE DE LEITURA

A reunião do clube de leitura ocorrida em abril via *Google Meet* contou com a participação de dez mulheres, cujas quais todas realizaram a leitura prévia do livro *Fique Comigo*, da escritora Ayòbámi Adébayò. Como já mencionado, o clube de leitura foi criado com o objetivo de refletir sobre questões culturais, de gênero e demais temáticas pertinentes na contemporaneidade.

Pode-se afirmar que a leitura proporcionou debates principalmente dos temas contextualizados acima: desigualdade de gênero, poligamia e maternidade compulsória. O debate focou em uma análise comparativa entre culturas, o que resultou em muitas trocas de opiniões e questionamentos.

Ressaltou-se que, apesar de a poligamia não ser uma prática legal no Brasil, muitos homens usam de suas posições enquanto homens para namorarem mais de uma mulher ao mesmo tempo, ou até mesmo formar famílias com pessoas diferentes, escondendo-as uma da outra. Apesar de práticas diferentes, o gênero enquanto fator relevante em ambos os comportamentos dos homens tanto no Brasil, quanto na Nigéria, é algo importante para analisar. Afinal, por que os homens nigerianos podem ser casados com mais de uma mulher, mas às mulheres não é concedido o mesmo benefício?

Além disso, a desigualdade de gênero também foi relacionada com o tratamento que as mulheres nigerianas e as mulheres brasileiras recebem de seus maridos, família e sociedade.

Apesar de no Brasil não haver práticas tão claras de desigualdade quanto as mostradas no livro, como ter que ficar de joelhos enquanto o marido recebe visitas, pode-se perceber que muitos homens brasileiros também tratam suas mulheres como objetos que possuem um dono e que este deve decidir sobre o que veste, sobre onde vai e onde ou quando trabalha.

A maternidade também foi bastante discutida, visto que, enquanto as nigerianas são pressionadas a serem mães para honrarem os homens e se tornarem “completas”, no Brasil também há essa pressão para que as mulheres sejam mães, principalmente se são casadas e ainda não possuem filhos. Apesar de no Brasil o número de mulheres sem filhos estar crescendo, estas ainda são olhadas com estranheza ou criticadas quando referem que não desejam tê-los por escolha própria.

Dessa forma, foi possível perceber que a cultura entre Nigéria e Brasil puderam ser comparadas, resultando em uma interculturalidade, onde foram apontadas semelhanças e diferenças. A leitura do livro foi fundamental para que as mulheres do grupo pensassem em como nossas vidas, enquanto mulheres, são interpeladas por discursos patriarcais e machistas, e o quanto nossa sociedade nos molda diariamente para aceitarmos esse discurso hegemônico de que uma mulher só é mulher se é capaz de gerar filhos, mesmo que contra sua vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa experiência de leitura do livro *Fique Comigo*, foi possível perceber que pensar no gênero enquanto uma posição social da qual ocupamos culturalmente, e que essa posição tem suas especificidades locais e também suas abrangências globais. Pensar nas diferenças e semelhanças entre culturas é aprender que fazemos parte de um mesmo sistema que aprisiona, e do qual só seremos libertas a partir do conhecimento.

A leitura e a literatura proporcionam um “aprender” que pode não estar relacionado com um ambiente formal de ensino. Daí a importância de perceber que os ambientes informais de ensino, tais como clubes do livro, cinemas, grupos de amigos, entre outros, também formam uma episteme que não é superior nem inferior ao que se obtém nas instituições de ensino, mas diferente e tão relevante quanto.

Referências

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

ALLEGRETTI, Fernanda Espindola. Aborto e maternidade compulsória: considerações acerca dos direitos reprodutivos das mulheres. **III Congresso Nacional Ciências Criminais e Direitos Humanos**, Ijuí, v. 1, n. 1, 2019, p. 1-13. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/cnccdh/article/view/11837/16315>. Acesso em: 1 jun. 2020.

BOTELHO, Helena. **Maternidade compulsória e a escolha da mulher**. São Paulo: UNESP, 2017. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2017/05/14/maternidade-compulsoria/>>. Acesso em: 10 maio 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Francisco das Chagas Souza. A literatura e a formação do leitor: algumas considerações. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 7, n. 2, 2018, p. 254-271. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/viewFile/960/720>. Acesso em: 20 maio 2020.

FALOLA, Toyin. Writing nigerian women in the economy, education and literature. In: YACOB-HALISO, O; FALOLA, T. (Orgs). **The palgrave handbook of african women's studies**. Polgrave Macmillan: Londres, 2019, p. 1-21.

FELDNER, Maximilian. **Narrating the new african diaspora: 21st century nigerian literature in context**. Polgrave Macmillan: Londres, 2019.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, 2017, p. 51-61. Disponível em: [https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/download/10819/7005#:~:text=identidade%20de%20g%C3%AAnero%20se%20torna,sexuais%20e%20desejo%20sejam%20exclu%C3%ADdas](https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/download/10819/7005#:~:text=identidade%20de%20g%C3%AAnero%20se%20torna,sexuais%20e%20desejo%20sejam%20exclu%C3%ADdas.). Acesso em: 03 jun. 2020.

SOARES, Leandro Lopes; CARDOSO, Sebastião Marques; COSTA, Maria Edileuza da. Embate cultural: uma análise do conto “Os Casamenteiros”, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 82-92. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/32165>. Acesso em: 5 maio 2020.

TEIXEIRA, Rejjane dos Santos. **Questões de gênero na organização da sociedade**. Vitória: UFES, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/10167>>. Acesso em: 20 set. 2019.